

A cronologia das bestas e o cumprimento das profecias: o conhecimento histórico nas obras pentamonarquistas de William Aspinwall (1653-1657)

Verônica Calsoni Lima¹

Resumo: Este texto aborda as ideias de tempo e de história articuladas nos escritos profético-políticos de William Aspinwall, produzidos durante a Revolução Inglesa. O pensamento milenarista desenvolvido em suas obras indicava relações específicas com o passado, o presente e o futuro. Em nossa análise, verificamos que essas noções temporais do autor relacionavam-se aos seus projetos políticos a respeito de uma sociedade ideal, descrita nas profecias cristãs. Deste modo, o futuro escatológico era o objetivo a ser alcançado; o passado, indicado na Bíblia, era a base para as análises proféticas; e o presente era percebido como o espaço de efetivação dessas profecias, as quais poderiam ser mais rapidamente concretizadas por meio da ação humana, pois, segundo sua concepção, a espera pela obra de Deus não era passiva.

Palavras-chave: milenarismo, quinta monarquia, história, tempo, escatologia

Abstract: This text aims to treat about the ideas of time and history articulated in the prophetic-political writings by William Aspinwall, produced during the English Revolution. The millenarian thought developed in his works has indicated specific relations with the past, the present and the future. In our analyses, we verify that this author's temporal notions were articulated to his political projects related to an ideal society, described in the Christians prophecies. Thereby, the eschatological future was the objective to be achieved; and the present was perceived as a realization spot of these prophecies, which could be faster concretized by the human action, for, according his conception, the expectation for the God's work wasn't passive.

Keywords: millenarianism, fifth monarchy, history, time, eschatology

The beast's chronology and the fulfillment of the prophecies: the historical knowledge in the Fifthmonarchists texts by William Aspinwall (1653-1657)

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPESP). E-mail para contato: veronica.calsoni@gmail.com

Na Inglaterra do século XVII, para muitos homens e mulheres, a história era o conhecimento das ações de Deus e, “(...) quando bem compreendida, era um processo racional, que revelava os [Seus] propósitos (...)” (HILL, 1988, p.214). Essa concepção do conhecimento histórico estava presente nas obras de membros de diversos grupos milenaristas, como o dos Homens da Quinta Monarquia, seita religiosa que atuou ativamente em Londres entre os anos de 1649 e 1661 (CAPP, 2008). Entre os autores de panfletos, tratados, cronologias e manifestos sobre a vinda da Quinta Monarquia, um dos mais profícuos foi William Aspinwall (1605 - c.1662). Ele publicou sete obras nos anos 1650, expondo suas interpretações a respeito das crises inglesas e sugerindo reformas que almejavam a concretização do Reino de Cristo na Terra, pois, para ele, o Milênio estava próximo e as crises enfrentadas pela Inglaterra eram realizações de profecias. Aspinwall valia-se dos acontecimentos de sua época para assegurar que os prognósticos bíblicos cumpriam-se. Tendo isso em vista, neste texto, pretendemos problematizar e analisar as ideias de tempo e história mobilizadas pelo autor em suas reflexões, compreendendo como essas concepções se articulavam aos seus projetos profético-políticos.

Para discorrer a respeito desta questão, tratamos, inicialmente, sobre o autor, William Aspinwall, e do movimento religioso do qual ele participava, isto é, do grupo dos Homens da Quinta Monarquia, procurando apresentar alguns dos principais aspectos de seu pensamento escatológico durante o contexto revolucionário.

1. Uma época de realização de profecias: William Aspinwall e os pentamonarquistas

A trajetória de vida de Aspinwall foi permeada por discussões políticas e religiosas. Na década de 1630, o autor migrou para a América (BREMER, 2004), como muitos outros ingleses, provavelmente impulsionado pela intensificação dos *enclosures*, que expropriaram muitos homens e mulheres, aumentando os níveis de pobreza (KARNAL, 2007; LIBEBAUGH, REDIKER, 2008); pela perseguição aos protestantes (KARNAL, 2007); e pelos anseios milenaristas (MILLER, 1982) que concebiam a “descoberta” do continente americano como um acontecimento profético, uma vez que esta representava para alguns “(...) um presságio de fim do mundo, já que a humanidade é enfim revelada a si mesma e sua integridade e que o Evangelho é pregado em todas as nações, sinal indubitável da iminência do Juízo Final” (LESTRINGANT, 2006, p.411).

Ele se estabeleceu na colônia de Massachusetts Bay, onde participou de intensos debates em torno da organização do governo civil e do poder legislativo na Nova Inglaterra, e das reflexões religiosas, especialmente da controvérsia do antinomianismo (MACLEAR, 1975). Suas convicções políticas e religiosas levaram-no a entrar em conflito com as autoridades coloniais diversas vezes, até que em 1653, ele acabou deixando a colônia e retornando para a metrópole (ROBBINS, 1988). De volta à Inglaterra, Aspinwall encontrou o país em meio à Revolução Inglesa, que começara cerca de dez anos antes, com as Guerras Civis entre Parlamento e o Rei. Neste contexto de profundas mudanças no governo, de agitação social e de intensa propagação de textos – sobretudo impressos – produzidos por grupos religiosos que se manifestavam a respeito da situação britânica (CORNS, 2001; ACHINSTEIN, 2001), Aspinwall passou a escrever obras de cunho pentamonarquista.

O grupo dos Homens da Quinta Monarquia havia se consolidado em sequência à morte do monarca Carlos I, em 1649, auge da Revolução Inglesa (CAPP, 2008). Em Janeiro de 1649, Carlos Stuart foi julgado pelo Parlamento, declarado um traidor do povo inglês e executado publicamente (HILL, 2012, p.120-124). Por ter sido a primeira vez em que um rei fora condenado em um ato público, o episódio teve um imenso impacto social e traduziu-se em diversas manifestações e agitações por parte de diferentes camadas da população (HILL, 1987). Fervilharam reflexões político-religiosas, entre elas, a dos Homens da Quinta Monarquia, segundo os quais todas as crises vivenciadas pela Inglaterra no século XVII eram sinais da concretização de profecias milenaristas de tradição cristã. Conforme os pentamonarquistas, os eventos coevos demonstravam os esforços de Deus contra o Demônio em direção à destruição da quarta monarquia. Baseando-se nas profecias dos Livros de Daniel e do Apocalipse, os membros desse grupo propunham reformular as estruturas sociais, políticas, administrativas e jurídicas vigentes na expectativa de que isso auxiliasse Cristo a instaurar a Quinta e Última Monarquia, na qual haveria mil anos de felicidade antes do Juízo Final (CAPP, 2008).

Pentamonarquistas como William Aspinwall, John Rogers, Thomas Venner, John Spittlehouse, Mary Cary, entre outros escreveram sobre a espera pela Segunda Vinda, indicando que as crises na ilha demonstravam Sua proximidade. Para provar a iminência do Milênio, esses autores necessitaram fazer uma apreciação de sua época, uma interpretação do contexto que os cercava para que fosse possível apontar saídas para a conturbada situação inglesa, e, com esse intuito, utilizaram concepções históricas e temporais. Ainda que a escrita

da história não fosse necessariamente o objeto central das obras dos Homens da Quinta Monarquia, o conhecimento histórico não estava ausente em seu pensamento. Ao contrário disso, as suas reflexões utilizavam noções temporais e históricas pautadas nas Escrituras.

Esse caráter histórico-temporal é evidente em obras como *Knowledge of the times*, e *Generation-worke* de John Tillinghast, ambas de 1654. Esses textos expressam expectativas a respeito de um futuro profético, o qual o autor pretendia explicar para que, assim, fossem compreendidos os desígnios de Deus, bem como Suas ações no momento vivido pelo milenarista. Outra reflexão pentamonarquista que pode nos indicar uma relação com o tempo profético é *A brief description of the future history of Europe* de Paul Grebner, escrita em 1650. O próprio título do texto já aponta uma importante concepção temporal relacionada ao milenarismo, na medida em que se refere a uma “história do futuro”², ou seja, a obra propõe-se a narrar um futuro europeu que já foi revelado pelo Divino, e que logo se cumprirá.

Nesses textos, o recurso à história, por um lado, conferia legitimidade às suas ideias e aos seus argumentos (PUMFREY, 1991, p.49-50), fortalecendo seus posicionamentos frente aos fervorosos debates políticos dos anos da Revolução Inglesa. Por outro, o uso das questões temporais era essencial para a elaboração de cronologias e prognósticos escatológicos, fundamentando suas interpretações sobre os eventos coevos.

Em suas análises sobre o contexto britânico, Aspinwall recorreu a perspectivas temporais e históricas, sobretudo, em suas cronologias que buscavam confirmar suas profecias a respeito da Segunda Vinda. Entre 1653 e 1657, ele publicou sete textos, argumentando que o Milênio estava próximo e que as crises enfrentadas pela Inglaterra eram realizações de profecias (ASPINWALL, 1656). A Quinta Monarquia, para ele, chegaria em breve e, nela, Cristo seria o legislador e o soberano do governo civil (ASPINWALL, 1653). A partir de apreciações de sua época, Aspinwall apontou que Carlos I era o pequeno chifre da besta descrita nos sonhos de Daniel e que sua morte simbolizava um avanço na destruição da quarta monarquia (ASPINWALL, 1655). As Guerras Civis, e a posição do Parlamento e de Oliver Cromwell, neste sentido, foram vistas como atitudes legítimas em defesa do povo inglês contra os atentados de um soberano demoníaco e tirânico (ASPINWALL, 1656).

² É importante ressaltar que a ideia de “história do futuro” não está presente apenas nos textos dos pentamonarquistas, mas no pensamento milenarista de outros autores e grupos religiosos. Esse é o caso, por exemplo, dos sermões do Padre Antonio Vieira. Uma de suas obras, inclusive, chama-se *História do Futuro*, na qual o autor traz reflexões sobre a concretização do Quinto Império.

Aspinwall e os Homens da Quinta Monarquia observavam os eventos e os interpretavam a partir de concepções escatológicas e milenaristas. Era certo que o Milênio estava próximo, mas mais do que isso, para alguns grupos protestantes – sobretudo os pentamonarquistas – a espera por sua chegada não deveria ser passiva. Era preciso agir e ajudar nos desígnios divinos para acelerar a Segunda Vinda. Alguns membros do grupo, de tendências mais radicais e violentas – como Thomas Venner –, apontavam que era necessário pegar em armas para acabar com o domínio do Anticristo (SOLT, 1961; CAPP, 2008). Já pensadores mais moderados, como era o caso de Aspinwall, optavam por outras vias, tais como a disseminação de panfletos e sermões com o objetivo de colocar as autoridades terrenas em descrédito, não reconhecendo sua legitimidade (SOLT, 1961, p.318); e a sugestão de reformas administrativas, políticas, econômicas e sociais com base nas leis divinas (CAPP, 2008).

A reflexão sobre uma possível aceleração do advento do Milênio, contudo, não era unânime entre as seitas protestantes. Exemplo disso é a obra intitulada *Peace Protected and Discontent Dis-armed* de John Goodwin, em que o autor criticou aqueles que julgavam ser necessário, e mesmo possível, acelerar o retorno de Cristo. Para o autor, a data da Quinta Monarquia já havia sido programada por Deus e, por consequência, era inalterável. As tentativas de acelerar o tempo seriam, para Goodwin, decorrentes daqueles que, insatisfeitos com o governo vigente, recusavam-no e tentavam abalá-lo, o que era prejudicial, visto que poderia culminar na ruína da Inglaterra (GOODWIN, 1654, p.58).

Essas disputas sobre as datações e cronologias das profecias milenaristas e apocalípticas, portanto, não representavam apenas discussões de cunho teológico, mas sim implicavam em considerações políticas, uma vez que eram usadas para criticar ou legitimar diferentes posições nos acalorados debates protagonizados por diferentes grupos religiosos. Tendo isso em vista, compreendemos a utilização das concepções de história e de tempo nos escritos dos Homens da Quinta Monarquia como questões essenciais para a organização de seus argumentos, críticas e sugestões.

2. A cronologia das bestas e o devir da história

Para elaborar suas reflexões e previsões, os pentamonarquistas baseavam-se na Bíblia, a qual fornecia aos autores o conhecimento do passado sagrado, essencial para a elaboração

de suas cronologias e a interpretação das profecias. Deste modo, as narrativas das revelações bíblicas assumiam o sentido de um saber histórico, pelo qual era possível entender os eventos pelos quais a humanidade passou e viria a passar. Como demonstrado por Pocock, o pensamento escatológico concebia que o conhecimento de Deus era possível apenas por meio de Seus atos, os quais foram documentados na Bíblia, estabelecendo uma história sagrada. Sendo assim, a perspectiva historiográfica cristã possuía um sentido inescapável, visto que era orientado pela vontade de Deus (POCOCK, 1970).

Já no século XVI, o luterano Melanchton argumentava que o estudo da história, associado ao da Bíblia era benéfico aos homens, pois este lhes permitia verificar as manifestações das profecias e promessas de Deus. Assim, a história – na tradição cristã – servia como ferramenta para a interpretação dos planos divinos, de modo que era possível ligar as narrativas sagradas aos eventos do passado e do presente, produzindo uma reflexão providencial (CUNNINGHAM, GRELL, 2007, p.48-50).

Essa aproximação entre as Escrituras e as circunstâncias terrenas era feita por meio do recurso à interpretação analógica, segundo a qual era possível estabelecer relações entre quaisquer épocas e elementos, visto que Deus é o que há em comum em todos os momentos, isto é, “(...) todos os tempos prefiguram o Eterno (...)” (HANSEN, 2013, p.47). A partir desse pressuposto,

A operação analógica explicava o funcionamento da história e a diferença dos tempos em termos de Revelação que se acumulava com o aumento da distância do início do mundo e a proximidade do Juízo. Se Deus era o Idêntico e o tempo era linear e cumulativo, os diferentes momentos da história humana eram marcados por uma identidade que os permitia, analogamente e figuralmente comparar. (...) A história sempre era profética. (LIMA, 2010, p.29).

Por meio das analogias, era possível pensar e interpretar a história da humanidade segundo o que já fora revelado por Deus nas Escrituras. Desta maneira, considerava-se que a história, assim como o mundo, iniciara-se com o Gênesis e terminaria com o Juízo Final. Deste modo, a Salvação era vista como um processo histórico (POCOCK, 1970, p.161-178) e os textos proféticos permitiam perceber e organizar a história a partir dos estágios que levariam a este fim (GOFF, 1998, p.02).

Um dos modos de conhecer essas sucessivas etapas do devir histórico dava-se por meio dos estudos cronológicos. E “embora a Bíblia não mencione datas, sua cronologia, particularmente a do Antigo Testamento, tornou-se importante a partir da Reforma e das

controvérsias teológicas dela resultantes” (WHITROW, 1993, p.156). As cronologias, todavia, não possibilitavam o conhecimento exato do que aconteceria no futuro, mas ajudariam a prever os eventos vindouros (WEBER, 2000, p.94).

Nesta perspectiva, a cronologia dos cinco reinos do Livro de Daniel era central. As Escrituras narram que Nabucodonosor sonhara com uma estátua, a qual fora interpretada por Daniel: “a estátua composta de cinco materiais de valor decrescente simboliza os grandes ‘reinos’ que, sucessivamente, serão derrubados pela pedra rolada da montanha. Eles darão lugar a ‘um reino que jamais será destruído e cuja soberania não passará a outro povo’ (2, 42)” (DELUMEAU, 1997, p.21). Daniel, por sua vez, sonhara com quatro bestas terríveis que se sucederiam até que Cristo triunfaria e estabeleceria seu governo de felicidade. As partes da estátua e as bestas representavam as etapas pelas quais a humanidade deveria passar até o advento do Milênio. A Sua espera levou diferentes correntes cristãs a interpretarem essas profecias oníricas. No caso dos protestantes, os estudos dessa sucessão dos reinos serviram aos anseios especulativos que, desde o século XVI, procuravam determinar quando se daria a Segunda Vinda (CUNNINGHAM, GRELL, 2007, p.50).

No século XVII, o pentamonarquista Aspinwall também se debruçou sobre os estudos dessa cronologia milenarista. As obras em que o autor explicou profundamente as suas considerações a este respeito foram *An Explication and Application of the Seventeenth Chapter of Daniel* (1654), apresentando as quatro bestas a partir da visão de Daniel, e *The Work of the Age* (1655), tratando da estátua do sonho de Nabucodonosor, também no Livro de Daniel.

Sua interpretação destas profecias, que seguia em parte a exegese consagrada das visões, considerava que a primeira monarquia, ou besta – representada como um leão com asas de águia – era o governo babilônico (ASPINWALL, 1654, p.21). A feição de leão, segundo Aspinwall, simbolizava a aparente força, coragem e magnificência dos príncipes desse reinado (ASPINWALL, 1654, p.22). A unidade dessa monarquia – também compreendida pela cabeça de ouro da estátua do sonho de Nabucodonosor – foi abalada. Sua sucessora caracterizava-se pela divisão entre os Medos e Persas, simbolizada pelos dois braços de prata da estátua profética (ASPINWALL, 1655, p.07) ou pela segunda besta, um urso. Essa divisão não significava uma separação total desses dois impérios, pois “There were two sides, but one Beast” [Haviam dois lados, mas uma Besta] (ASPINWALL, 1654, p.23). A consideração de Aspinwall de que a segunda monarquia comportava dois reinos

simultaneamente é essencial para a organização de sua cronologia. Alguns exegetas dessa profecia identificaram esta cisão de modo distinto, propondo que a segunda monarquia fosse a Meda e a terceira, a Persa (GOFF, 1998, p.07), fornecendo outra possibilidade de leitura histórica dos eventos descritos na Bíblia. Aspinwall preferiu adotar uma das perspectivas mais populares entre os milenaristas (BROWN, 1912, p.12), percebendo o segundo império como o Medo-Persa. Colocando a segunda besta simultaneamente como os governos Medo e Persa, Aspinwall apontava as etapas da história providencial de modo a culminar em uma datação que lhe permitisse afirmar que as décadas que compreenderam as Guerras Civis eram momentos de realização dos prognósticos bíblicos.

A terceira besta, então, era outra. Esta era representada por um leopardo ou uma pantera; ou o ventre de bronze da estátua de Nabucodonosor (ASPINWALL, 1655, p.07) e identificada com o império dos gregos. O leopardo, conforme o pentamonarquista, é um animal pequeno, cruel e vigilante, que tira vantagens de viajantes. Essa descrição permitia ao autor associar essa monarquia, essencialmente, ao domínio de Alexandre, o grande, que fora considerado por Aspinwall como um soberano cruel e um grande conquistador, tal como a descrição da terceira besta vista por Daniel, que além da aparência de leopardo, possuía quatro asas e quatro cabeças. As quatro asas simbolizavam que este reino havia se estendido por toda a terra, como ocorreu com o processo de expansão grega desencadeada por Alexandre Magno no século IV A.C. Contudo, seu reino não manteve a unidade, dividindo-se em quatro partes, ou quatro cabeças, após a morte do líder macedônico (ASPINWALL, 1654, p.23-24).

A monarquia seguinte caracterizava-se pela sua deformidade. Segundo o milenarista, ela combinava a crueldade do leão, do urso e do leopardo, conformando uma besta terrível e inominável (ASPINWALL, 1654, p.24-25). Tomando a descrição do apóstolo João do Dragão Vermelho do Apocalipse, Aspinwall traçou um paralelo com a profecia de Daniel, informando que o quarto império “(...) was like a *Leopard* and his feet as the feet of a *Bear*, and his mouth as a mouth of a *Lion*, *Rev.13.1,2*. He also had seven Heads, and ten Horns, and ten Crowes upon his Horns, and upon his Heads the names of Blasphemy” [(...) era como um *Leopardo* e seus pés como os pés de um *Urso*, e sua boca como a boca de um *Leão*, *Rev.13.1,2*. Ele também tinha sete Cabeças, e dez Chifres, e dez Coroas sobre os Chifres, e sobre suas Cabeças os nomes da Blasfêmia] (ASPINWALL, 1654, p.24). Diferentemente do Dragão de João, entretanto, a visão de Daniel comportava uma besta com dez chifres ao invés

dos sete descritos pelo apóstolo. Para Aspinwall isso era explicável porque João deveria ter ficado tremendamente afetado pela visão de algo tão terrível que acabou omitindo alguns dos chifres (ASPINWALL, 1654, p.25).

O número dez também estava presente no sonho de Nabucodonosor, em que a estátua possuía dois pés e dez dedos de ferro e barro, misturando a força e a durabilidade do metal – que tornariam essa monarquia a mais longa de todas – com a fragilidade da terra – que indicaria a possibilidade de sua ruína (ASPINWALL, 1655, p.08). Os dez chifres ou dedos simbolizavam as divisões dessa monarquia, identificada como o Império Romano. Sua deformidade indicava a ferocidade desta besta, especialmente, em relação aos santos, aos quais perseguiu fortemente. Outra especificidade desta fera seria um dos chifres de suas cabeças, o menor deles, que seria um rei tirano, o qual subjugaria outros três reinos; atentaria contra a religião; faria guerras contra seus três domínios; teria um governo arbitrário e opressor; e finalmente seria decapitado e o poder monárquico seria abolido por meio de um ato público do Estado (ASPINWALL, 1654, p.25-27). Para Aspinwall, todas essas características podiam ser perfeitamente aplicadas ao caso de Carlos I.

Vale ressaltar que nas descrições de William Aspinwall das quatro monarquias, percebemos as divisões dos reinos são entendidas como características de sua decadência. Apenas a primeira possuía unidade e, por isso, assemelhava-se ao ouro, um metal precioso e admirado, entretanto, essa união fora perdida com as sucessivas cisões dos impérios subsequentes. Para Aspinwall, a unidade de governo seria essencial, uma vez que esta era uma das características da Quinta e Última Monarquia. Contudo, a unidade desejada para a manutenção e sobrevivência de um governo ideal, só seria possível na monarquia reinada por Cristo, perfeita e, portanto, eterna.

Em comparação à magnificência do governo de Jesus, os reinos terrenos eram falhos, pois tinham sua origem ligada às forças demoníacas. Sendo assim, o autor pregava a necessidade de as instituições e os poderes reais serem abolidos (ASPINWALL, 1654, p.29), opondo-se aos soberanos mundanos que, em sua opinião, eram anticristãos. A única autoridade legítima era a de Cristo, a qual seria universal e infundável. As cisões no governo, neste sentido, não eram provenientes de uma administração divina, e demarcavam a decadência das forças anticristãs das quatro outras monarquias.

Os estágios das destruições sequenciais desses impérios (ou bestas), aplicados por Aspinwall aos eventos do passado e do seu presente demonstram um fio condutor de seu

pensamento histórico: o da Salvação. O sentido dado à história, pelo autor, mostra os abalos no domínio do Anticristo no passado e no presente, que lhe permitem prever que no futuro este será definitivamente destruído. Os seus cálculos para a queda do Anticristo apontavam para o ano de 1673 (ASPINWALL, 1653, p.14), quando os 1260 anos de duração da quarta monarquia, isto é, o período descrito na Bíblia como “time, times, and halfe a time” [tempo, tempos, e metade de um tempo] (ASPINWALL, 1654, p.33) se encerrariam.

Essa duração profética do domínio da última besta suscitou uma série de estudos escatológicos que combinavam a história, a matemática e a astrologia (WEBER, 2000), procurando determinar quando se daria a destruição da quarta monarquia. Joseph Mede, estudioso proeminente e conhecido à época, utilizou o princípio da *analogia fidei*, segundo o qual as Escrituras nunca se contradizem porque, no limite, possuem um único autor, isto é, Deus; deste modo, todos os seus trechos podem se relacionar. Tendo esse recurso em vista, Mede sincronizou as profecias de I Timóteo, Daniel e Apocalipse, indicando que todas falavam de um mesmo evento e, portanto, poderiam auxiliar a compreender o significado do “time, times, and half a time”, possibilitando prever quando se daria a chegada do Milênio (JUE, 2006).

Aspinwall, em seus escritos, argumentava sobre a proximidade da Quinta Monarquia com base na autoridade da Bíblia e da história sagrada, para sustentar suas concepções cronológicas. As Escrituras eram, de fato, a fonte de conhecimento histórico principal do autor, por serem consideradas mais verdadeiras do que as produções seculares, sobretudo, as de pensadores da Antiguidade Clássica. Ao fim de *The Work of the Age*, Aspinwall confronta sua leitura da cronologia das quatro monarquias/bestas com a história profana dos gregos e encontrou uma discrepância na contagem dos soberanos que existiram entre Ciro da Pérsia e Alexandre Magno (ASPINWALL, 1655, p.49). Para Aspinwall, os historiadores clássicos estavam equivocados ao afirmarem que existiram treze reis depois do governo de Ciro; enquanto o anjo que apareceu para Daniel em seu sonho, lhe disse que houve apenas quatro monarcas, dos quais o último era muito rico e provocou o soberano grego, Alexandre, que levou o governante persa à ruína (ASPINWALL, 1655, p.50). Confrontado com esta oposição, o pentamonarquista lançou o seguinte questionamento aos seus leitores:

Now let every understanding Christian weigh the Angels words, and that the words of the Greek Historians. The Angel tells you of a truth, that there shall be but four Princes in Persia after Cyrus, untill Alexander, Herodotus,

Diodorus Siculus, Metasthenes, and other Greek Writers, and others that follow after them, say, there were thirteen from Cyrus to Alexander, chuse you whether you will beleeve³.(ASPINWALL, 1655, p.51).

Conforme o milenarista, o anjo seria mais confiável que os historiadores profanos, uma vez que seu objetivo era iluminar Daniel, trazendo-lhe a verdade (ASPINWALL, 1655, p. 51-52), diferentemente dos gregos, que poderiam falar mentiras, por serem profanos e não estarem comprometidos com os desígnios de Deus. Neste sentido, para o autor, era mais plausível considerar as afirmações dos anjos para prosseguir com suas datações sobre o fim de cada uma das monarquias terrenas.

Sendo assim, ao confirmar a autoridade da Bíblia, o pentamonarquista procurava conferir legitimidade à sua interpretação da cronologia das bestas e, conseqüentemente, indicar suas previsões para o derradeiro fim da quarta monarquia. A data apontada pelo autor, 1673 (ASPINWALL, 1653, p.14), então, não representava um ano aleatório para a queda do Anticristo, mas sim o resultado de uma contagem complexa que associava a história às Escrituras. Para Aspinwall, as palavras de Deus dispostas na Bíblia eram infalíveis, portanto, representavam o guia mais eficaz para a compreensão do passado, do presente e do futuro.

3. História e milenarismo

Esses três tempos, isto é, passado, presente e futuro, imbricavam-se nas reflexões do pentamonarquista. O passado e a história sagrados eram fundamentais para a argumentação milenarista de William Aspinwall, visto que conferiam autoridade às suas ideologias político-religiosas. Essa importância dos eventos pretéritos foi percebida pelos historiadores François Hartog e Reinhart Koselleck como uma ênfase das correntes de pensamento desde a Antiguidade até meados do século XVIII. Hartog estudou a relação dos homens com o tempo, propondo a ideia de *regime de historicidade* como categoria de análise das experiências temporais (HARTOG, 2003). Segundo esta concepção, o autor identificou três *regimes*, o da *historia magistra vitae*, o moderno e o presentista⁴ (HARTOG, 2010). Interessa-nos,

³ Agora vá todo Cristão esclarecido pesar as palavras dos Anjos, e aquelas palavras dos Historiadores Gregos. O Anjo lhe diz uma verdade, que não deve haver mais que quatro Príncipes na Pérsia depois de Ciro, até Alexandre, Heródoto, Diodoro Sículo, Megástenes, e outros Escritores Gregos, e outros que os seguem depois deles, dizem que houve treze de Ciro a Alexandre, escolha qual acreditará

⁴ Os regimes moderno e presentista equivalem, respectivamente, ao enfoque dado ao futuro, baseado na ideia de progresso, a partir da Revolução Francesa até a Queda do Muro de Berlim; e à atual experiência temporal, iniciada em 1989, na qual o presente tornou-se soberano.

sobretudo, a definição do *regime de historicidade antigo*, ou da *historia magistra vitae*, segundo a qual “(...) a relação entre o passado e o futuro era dominada ou regulada por referência ao passado” (HARTOG, 2003, p.12). Esta preponderância do passado, de acordo com Koselleck, tinha um sentido pedagógico, pois considerava os feitos pretéritos como exemplos a serem seguidos ou evitados (KOSELLECK, 2006).

Em seus textos, Aspinwall buscava fundamentar suas reflexões pentamonarquistas no passado descrito pela Bíblia. A história sagrada utilizada pelo autor, contudo, não se voltava apenas para o que já havia ocorrido em outras épocas, como também se direcionava ao futuro, visto que o cristianismo era “(...) uma religião da história que girava em torno da história acontecida, eventos registrados e datas conjeturais ou estabelecidas; e girava também em torno da história futura, deduzida de indícios proféticos e indicações bíblicas” (WEBER, 2000, p.94). Hartog concebeu que o *antigo regime de historicidade* sofreu alterações durante o período em que vigorou, uma delas é considerada como a existência de “(...) um regime cristão, com sua história orientada pela Salvação” (HARTOG, 2003, p.14).

François Hartog lembra, ainda, que o pensamento cristão teria implicado em uma ordem temporal singular, na qual a relação entre o passado, o presente e o futuro é caracterizada pela espera escatológica pelo cumprimento da Providência Divina.

Na relação com o tempo, o que o cristianismo forneceu especificamente foi a quebra do tempo em dois pelo acontecimento decisivo da Encarnação: o nascimento, a morte e a ressurreição do filho de Deus feito homem. Abriu-se, então, um novo tempo, que um segundo e último acontecimento virá fechar de novo, o retorno de Cristo e do Juízo Final. O tempo de entremeio, intermediário, é um tempo de expectativa: um presente habitado pela esperança do fim (HARTOG, 2013, p.89-90).

Era sobre esse tempo da esperança que a doutrina milenarista de William Aspinwall centrava-se, articulando o passado às ideias sobre as épocas vindouras e projetando a chegada do Reino de Cristo. O milenarismo, assim, parece indicar diferentes relações entre as temporalidades.

Ao atentar para as particularidades admitidas por essas expectativas proféticas do pentamonarquista durante a Revolução Inglesa, é possível tecer mais algumas considerações a respeito das noções temporais de Aspinwall, pois a singularidade do contexto revolucionário parece complexificar essa questão. Se em grande medida, os pensadores do século XVII – conforme indicado pelos estudos de Hartog e Koselleck – voltavam-se para o passado a fim

de responder às questões de sua época, o período de intensas movimentações políticas e religiosas, compreendido entre as décadas de 1640 e 1660, trouxe questões novas que não eram suficientemente respondidas pelo apelo ao passado.

Exemplo dos novos problemas que surgiram na Época Moderna foi a intensificação das relações entre o Velho e o Novo Mundo nos séculos XVI e XVII, a qual teve grande impacto no pensamento (LESTRINGANT, 2006), representando um abalo das certezas dos europeus (CUNNINGHAM, GRELL, 2007, p.79). Na Inglaterra, foi em meados das décadas de 1620 e 1630 que o processo de consolidação da colonização dos domínios americanos efetivou-se, firmando-se, sobretudo, nas iniciativas de empresas e de colonos puritanos (KARNAL, 2007). Paralelamente a isso, somavam-se as tensões políticas e religiosas vivenciadas pela Inglaterra. Assim, nosso caso pode se aproximar do que fora observado por François Hartog a respeito das agitações e conflitos que ocorreram na França, entre 1570 e 1580. Hartog notou que as questões colocadas pelo Novo Mundo e pelas crises despontaram uma preocupação entre os intelectuais sobre como interpretar essas mudanças, causando certa “(...) ansiedade acerca da história e do tempo” (HARTOG, 2003, p.18). Nesse contexto, alguns intelectuais buscaram outras maneiras de abordar a história e constituíram algumas outras relações temporais, nas quais os pensadores pesquisados por Hartog simultaneamente utilizavam os princípios da *historia magistra vitae* e também os questionavam (HARTOG, 2003, p.17-20).

A constatação de Hartog auxilia-nos a refletir sobre o caso de William Aspinwall. O milenarista estava inserido em um contexto de amplas transformações, como a consolidação das colônias na América Inglesa – da qual participou diretamente na década de 1630, quando migrou para a Nova Inglaterra e lá se envolveu em diversas polêmicas a respeito do estabelecimento do governo civil –, e as intensas disputas políticas e as mudanças de governo na Inglaterra revolucionária, a partir da década de 1640. Assim, frisamos que o pentamonarquista fazia parte de uma sociedade cujas estruturas e ordem foram abaladas. A sensação de que o mundo estava de ponta-cabeça reclamava diferentes possibilidades de compreensão, as quais não eram suficientes se baseadas exclusivamente no passado. O futuro, nesse sentido, manifestava-se como uma forma de apreensão do mundo. E o futuro no qual Aspinwall e os Homens da Quinta Monarquia se baseavam era iminente, pois, no caso do milenarismo, pensava-se que esse “(...) tempo perfeito virá certamente para os que acreditam na vontade redentora e justiceira de Deus, ou então, numa perspectiva mais imanente, acabará

inelutavelmente por se realizar com o próprio devir (submetido ou não a leis científicas) da história” (REIS, 2007, p.318).

Para Aspinwall, o Milênio adviria em breve e precederia um reino eterno de Cristo, depois da destruição final do Demônio no Apocalipse (ASPINWALL, 1653, p.14). Nas palavras do autor,

(...) as well as *Charles*, and then these four Monarchies being destroyed, the fifth Kingdom or Monarchy follows immediately, v.27. *The Kingdom, and dominion, and greatnesse of the Kingdom under the whole Heaven, shall be given to the people, the Saints of the most high, whose Kingdom is an everlasting Kingdom. And this I call the fifth Monarchy, which in extent is more large then the foregoing Monarchies (...). And for durance it shall continue as long as the world lasteth, it shall never be destroyed*⁵ (ASPINWALL, 1653, p.02).

Aspinwall indica-nos que a quarta monarquia será definitivamente aniquilada, tal como ocorreu com o reinado de Carlos I, considerado o pequeno chifre. Esses reinos mundanos estão fadados a cair, pois este é um dos estágios para a concretização do devir da história, que levaria à Salvação dos crentes. Os poderes terrenos seriam extintos para que a Quinta e Última Monarquia ascendesse. Passado o Milênio e a derradeira derrota do Demônio, o reino de Cristo seria eterno, em termos da duração terrena. Esse tipo de perspectiva, baseada na escatologia – conforme Pocock – considera que toda autoridade terreal é transitória. O próprio uso dos termos “temporal” e “secular” para designar o poder mundano demonstra a sua provisoriedade (POCOCK, 1970, p.179). Segundo essa concepção, essa percepção profética do tempo, pensada pelos milenaristas e por Aspinwall, definia-se pelo destaque de um futuro esperado escatologicamente, que se caracterizava por sua inexorabilidade, sua iminência e sua eternidade.

Ainda que esse futuro fosse uma certeza para os fiéis, a crença no milenarismo poderia desembocar em duas posições divergentes: a espera passiva pela Segunda Vinda ou a preparação ativa para a sua consolidação (REIS, 2007, p.321-322). Os Homens da Quinta Monarquia seguiram a segunda possibilidade, eles estavam dispostos a acelerar a chegada do Milênio. Eles “(...) viram-se a si mesmos como a legião, a vanguarda, dos seres escolhidos

⁵(...) assim como *Carlos*, essas quatro Monarquias sendo destruídas, o quinto Reinado ou Monarquia segue imediatamente, v.27. *O Reinado, e domínio, e grandeza do Reino sob todo o Céu, deve ser dado ao povo, aos Santos do altíssimo, cujo Reinado é uma Monarquia eterna. E isso eu chamo de quinta Monarquia, que em extensão é maior que todas as Monarquias vigentes (...). E por duração ela deve continuar enquanto o mundo durar, ela nunca deve ser destruída.*

para precipitarem o derrube da ‘fourth monarchy’ (...) e promoverem as condições para a implantação da ‘fifth monarchy’” (REIS, 2007, p.373). Essa aceleração da decadência da quarta monarquia, discutida pelos Homens da Quinta Monarquia, era pensada por meio das suas propostas de transformações políticas, sociais, administrativas, econômicas, morais, jurídicas e religiosas; e do uso da violência, legitimado por alguns pentamonarquistas, caso houvesse um chamado divino que lhes indicasse a necessidade de pegar em armas (CAPP, 2008). Aspinwall não era favorável à utilização de meios violentos para alcançar o Milênio, mas considerava duas possibilidades: 1) a transformação da sociedade, usando as leis mosaicas, provenientes de fontes divinas, como instrumentos jurídicos e administrativos, que preparariam a Inglaterra para a Segunda Vinda (ASPINWALL, 1656); e 2) a destituição de todos os resquícios do poder monárquico na Inglaterra (ASPINWALL, 1654, p.36). Essas tarefas representavam, para o autor, esforços para a aceleração da queda da quarta monarquia e, conseqüentemente, para o advento do Milênio.

Pressupondo, então, esse espaço para a ação humana, a percepção do tempo de Aspinwall não considerava apenas a autoridade do passado e a inexorabilidade do futuro escatológico, mas dava centralidade à atuação das pessoas no presente. Era no presente em que as profecias podiam ser identificadas e cumpridas. Quando Aspinwall escreveu a Cromwell em 1653, dizendo-lhe que “(...) these are times of accomplishment of Prophecies” [(...) esses são tempos de cumprimento de profecias] (ASPINWALL, 1654, s.n.p.), ele se referia à sua contemporaneidade, na qual homens e mulheres poderiam agir para auxiliar os desígnios de Deus e abreviar a marcha da história em direção à Salvação.

4. A aceleração da Quinta Monarquia: a ação humana e a Providência

As reflexões de Aspinwall apontavam a possibilidade de os fiéis agirem e acelerarem o tempo, tornando mais breve a espera pelo Retorno de Cristo. Os homens e as mulheres, assim, não estariam destinados a aguardar passivamente pela chegada do Milênio, mas podiam ajudar nos planos de Deus, já revelados na Bíblia. Nesse sentido, o autor considerava um espaço para a ação humana dentro da inescapabilidade dos desígnios divinos.

As pessoas, para Aspinwall, podiam atuar em conformidade com a vontade de Deus, auxiliando em Seus planos. Dessa forma, conhecer os projetos do Criador era imprescindível para orientar a ação. E era o passado, descrito na Bíblia que poderia fornecer informações

sobre as ações do divino (POCOCK, 1970, p.161). Sendo assim, o uso das Escrituras para a compreensão da história sagrada era fundamental para aqueles que estavam preocupados com a decifração dos prognósticos escatológicos. Para Aspinwall, esse entendimento dos significados das profecias era possível a partir de profundas e complexas análises dos textos sagrados. Os recursos interpretativos das proporções e analogias, nesse sentido, apresentavam possibilidades de compreender os eventos do passado e do presente a partir das narrativas bíblicas, pois estes acontecimentos podiam ser associados àquilo que fora previsto no Livro Sagrado. Os governantes, os reinos, as situações vividas por diferentes sociedades eram todos explicáveis pela Bíblia. A história, nesse sentido, servia a Aspinwall como meio de entender as ações humanas dentro dos desígnios de Deus. As questões mundanas e divinas imbricavam-se na medida em que era possível compreender o mundo secular por meio da correta interpretação da Providência.

O presente, por sua vez, era onde Aspinwall percebia o cumprimento das profecias, tanto com as Guerras Civis, a decapitação de Carlos I, as mudanças de governo e o Protetorado de Cromwell. Tudo era explicado com base no que fora enunciado na Bíblia e apontava para possibilidades de “(...) interpretar as épocas, consolar e orientar, sugerir o significado do presente e do futuro” (WEBER, 2000, p.37). Além disso, como dito anteriormente, esse era o momento em que a ação humana poderia ser relevante para auxiliar no fluxo dos desígnios divinos em direção ao fim dos tempos e da Salvação dos eleitos.

O futuro, por fim, era o que se esperava, era o *horizonte de expectativa* – recorrendo à categoria postulada por Reinhart Koselleck (KOSELLECK, 2006) –, que concentrava todas as esperanças dos milenaristas. A vinda deste tempo perfeito e feliz era inexorável e iminente, pois era esta a vontade de Deus (REIS, 2007, p.318). Aspinwall esperava pelos mil anos de reino de Cristo, que acabaria com a miséria e o sofrimento que existiam nos reinos terreaux (ASPINWALL, 1656). Essa expectativa escatológica relacionava-se com as percepções de William Aspinwall sobre o momento de intensa instabilidade que a Inglaterra atravessou em meados do século XVII, tentando explicá-lo e, ao mesmo tempo, propondo saídas para as crises.

Suas explanações e argumentações mobilizavam concepções milenaristas do passado, do presente e do futuro, as quais lhe serviam então como ferramenta para a construção e a afirmação de seus pensamentos. Recorrendo à história cristã, à autoridade da Bíblia e às reflexões temporais – que lhe permitiam elaborar cronologias, datações e previsões para os

prognósticos do Livro de Daniel e do Apocalipse –, Aspinwall articulava suas propostas político-religiosas, demonstrando que era preciso agir para que a Quinta Monarquia se concretizasse em breve.

A aceleração da chegada do Milênio, portanto, era um fator central para o pentamonarquista. Para ele, as décadas compreendidas entre 1640 e 1660 eram um período de realização das profecias, isto é, eram uma situação profícua para combinar os propósitos de Deus – que já operava na sociedade britânica, concedendo aos ingleses a possibilidade de lutar contra a tirania de Carlos Stuart – às ações humanas, buscando alcançar a felicidade eterna. Assim, era preciso conhecer o passado, o presente e o futuro, para entender os planos de Deus e participar ativamente deles, pois para William Aspinwall, a espera da efetivação das obras divinas não era passiva.

Referências

Fontes

ASPINWALL, William. **A brief description of the Fifth Monarchy, or KINGDOME that shortly is to come into the World: The Monarch, Subjects, Officers, and Lawes thereof, and the surpassing Glory, Amplitude, Unity, and Peace of that Kingdome.** London: Printed by M. Simmons, and are to be sold by L. Chapman, 1653.

_____. **An Explication and Application of the Seventh Chapter of DANIEL: With a Correction of the Translation.** London: Printed by R.I. for Livewell Chapman, at the Crown in Popes-head Alley., 1654.

_____. **The legislative povver is Christ's peculiar prerogative.** London: Printed for Livewell Chapman, at the Crown in Popes head alley, 1656.

_____. **The work of the age: or, the sealed prophecies of Daniel opened and applied.** London: Printed by R.I. for Livewell Chapman, and are to be sold at the sign of the Crown in Popes-head Alley, 1655.

GOODWIN, Thomas. **Peace protected, and discontent dis-armed.** London: Printed by I. Macock, for H. Cripps, and L. Lloyd, and are to be sold at their shop in Popes-head Alley., 1654.

GREBNER, Paul. **A brief description of the future history of Europe, from Anno 1650 to An. 1710.** Composed upon the occasion of the young Kings arrival into Scotland, to shew what will in probability be the event of the present affairs in England and Scotland. [London : s.n.], Printed in the Year, 1650.

TILLINGHAST, John. **Generation-worke, or An exposition of the prophecies of the two witnesses from the 11, 12, and 14 chapters of the Revelations.** shewing yet farther, what the designs of God abroad in the world, may in likelihood be. Printed for Livewell Chapman at the Crown in Popes-head-Alley, 1654.

_____. **Knovledge of the times or, the resolution of the question, how long it shall be unto the end of wonders.** London: Printed by R.I. and are to be sold by Livewell Chapman at the Crown in Popes-head Alley, 1654.

Bibliografia

- ACHINSTEIN, Sharon. "Texts in Conflict: the press and the Civil War" In: KEEBLE, N. H. (ed.). **The Cambridge Companion to Writing of the English Revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BREMER, Francis J. "Aspinwall, William (d. in or after 1662), merchant and separatist leader in America" In: **Oxford Dictionary of National Biography**, 2004.
- BROWN, Louise Fargo. **The Political Activities of the Baptists and the Fifth Monarchy Men in England during the Interregnum**. Washington: American Historical Association, 1912.
- CAPP, Bernard. "'A Door of Hope' Re-opened: the Fifth Monarchy, King Charles and King Jesus". **Journal of Religious History**, Vol.32, Issue 1, pp.01-30, 2008.
- _____. **The Fifth Monarchy Men: a study in seventeenth century english millenarianism**. London: Faber Finds, 2008.
- COELHO, Luiz Filipe Alves Guimarães. **Os Reinos de Daniel: Profecia e Política em Portugal e na Inglaterra do Século XVII**. Niterói, 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense.
- CORNS, Thomas N. "Radical Pamphleteering" In: KEEBLE, N. H. (ed.). **The Cambridge Companion to Writing of the English Revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- CUNNINGHAM, Andrew; GRELL, Ole Peter. **The Four Horsemen of the Apocalypse: religion, war, famine and death in Reformation Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade: uma história do Paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- GOFF, Matthew. "The Millennial Scientist: Isaac Newton Reading Daniel 7" In: **Annual Conference of the Center for Millennial Studies**, 3, 1998. Boston. Knowing the Time, Knowing of a Time. Boston: Boston University, 1999. pp.01-13.
- HANSEN, João Adolfo. "Prefácio. A Chave dos Profetas: Deus, analogia, tempo" In: FRANCO, José Eduardo; CALAFATE, Pedro (coord.). **Padre Antonio Vieira: Obra Completa**, Tomo III, Vol.5. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.
- HARTOG, François. "Historicité / regimes d'historicité". In: DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P.; OFFENSTADT, N. (orgs). **Historiographies**, II – Concepts et débats. Paris: Folio Histoire, 2010.
- _____. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- _____. "Tempo, história e escrita da história: a ordem do tempo". **Revista de História**, 148. pp.09-34, 2003.
- HILL, Christopher. **O Eleito de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- _____. **O Mundo de Ponta-Cabeça: idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- _____. **O Século das Revoluções, 1603-1714**. São Paulo: Unesp, 2012.
- JUE, Jeffrey K. **Heaven Upon Earth: Joseph Mede (1586-1638) and the Legacy of the Millenarianism**. Netherlands: Springer, 2006.
- KARNAL, Leandro [et all.] **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto – Ed. PUC-Rio, 2006.
- LESTRINGANT, Frank. “O Conquistador e o Fim dos Tempo” In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- LIMA, Luís Filipe Silvério. **O Império dos Sonhos**: narrativas proféticas, sebastianismo e messianismo brigantino. São Paulo: Alameda, 2010.
- LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Markus. **A hidra de muitas cabeças**: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.
- MACLEAR, J. F. “New England and the Fifth Monarchy: the quest of the Millennium in Early American Puritanism”. **The William and Mary Quartely**, Third Series, Vol.32, No.2, pp.223-260, Apr., 1975.
- MILLER, Perry. **The New England Mind** – The seventeenth century. Cambridge/Massachusetts/London: Belknap Press of Harvard University Press, 1982.
- POCOCK, J. G. A. “Time, History and Eschatology in the Thought of Thomas Hobbes” In: ELLIOTT, K. H.; KOENIGSBERGER, H. G. **The Diversity of History**: essays in honour of Sir. Herbert Butterfield. London: Routledge/Kegan Paul Ltd., 1970.
- PUMFREY, Stephen. “The History of Science and the Renaissance Science of History” In: PUMFREY, Stephen; ROSSI, Paolo; SLAWINSKI, Maurice (eds.). **Science, Culture and Popular Belief in Renaissance Europe**. Manchester/New York: Manchester University Press, 1991.
- REIS, José Eduardo. **Do espírito da utopia**: lugares utópicos e eutópicos, tempos proféticos nas culturas literárias portuguesa e inglesa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.
- _____. “Vieira’s Utopian millenarianism and the transliteration of the idea of the fifth empire in the seventeenth-century English treatises of the Fifth Monarchy Men” In: **Congress of the International Comparative Literature Association / Association Internationale de littérature comparee**, XVII, Hong Kong, 2004. pp.1-17.
- ROBBINS, Stephen Lee. **Manifold Afflictions**: the life and the writings of William Aspinwall, 1605-1662. Oklahoma, 1988. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculty of the Graduate College of the Oklahoma State University.
- ROSSI, Paolo. **A Chave Universal**: artes da memorização e lógica combinatória desde Lúlio até Leibniz. Bauru: EDUSC, 2004.
- _____. **A Ciência e a Filosofia dos Modernos**. São Paulo: Unesp, 1992.
- RUTHERFORD, Donald. “Innovation and orthodoxy in early modern philosophy” In: _____ (org.). **The Cambridge Companion to Early Modern Philosophy**. New York: Cambridge University Press, 2006.
- SOLT, Leo F. “The Fifth Monarchy Men: Politics and the Millenium”. **Church History**, Vol. 30, No. 3, pp. 314-324, Sep., 1961.
- WEBER, Eugen. **Após o Apocalipse**: crenças do fim (e recomeço) de mundo. São Paulo: Mercuryo, 2000.
- WHITROW, G. J. **O Tempo na História**: concepções de tempo da pré-história aos nossos dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

Recebido em 10 de fevereiro de 2014

Aprovado em 15 de maio de 2014